

ASPECTOS DO DISCURSO SOBRE “EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA” A PROPÓSITO DA NOÇÃO DE FÓRMULA DISCURSIVA.

Hélio de OLIVEIRA¹

RESUMO: Embasado na noção de “fórmula” proposta por Alice Krieg-Planque (2003, 2006, 2010, 2011), este artigo trata da análise de um *corpus* constituído por textos de diferentes gêneros (artigos científicos na área de educação, mídia impressa, mídia online, documentos oficiais do Ministério da Educação etc.), a propósito do termo “educação a distância” e suas diversas variantes. O objetivo é explicitar as quatro características constitutivas da fórmula, a saber, funcionar como um referente social, inscrever-se numa dimensão discursiva, ter um caráter cristalizado e ser objeto de polêmica. Como a fórmula tende a cristalizar temas sociopolíticos, ela funciona como pretensa formulação de verdade, o que a torna passagem obrigatória dos discursos numa determinada época e, conseqüentemente, um “lugar” privilegiado para *compreender a forma como os diversos atores sociais organizam, por meio dos discursos, as relações de poder e de opinião* (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 09).

Palavras-chave: Discurso, Fórmula, Educação a Distância, Krieg-Planque.

ABSTRACT: Based on the notion of “formula” proposed by Alice Krieg-Planque (2003, 2006, 2010, 2011), this paper analyses a *corpus* made of texts from different genres (scientific papers in education area, newspapers, magazines, official documents of Ministry of Education etc.) regarding the term “distance education” and its many variants. The aim is to explain the four constitutive features of the formula, namely, work as a social referent, sign up for a discursive dimension, having a crystallized character and be the object of controversy. Since the formula tends to crystallize sociopolitical issues it works as a supposed formulation of truth, which makes it a obligatory passage point in the discourses of a time period, and therefore, a privileged “place” *to understand how various social actors organize, through discourses, the relations of power and opinion* (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 09).

Keywords: Discourse, Formula, Distance education, Krieg-Planque.

¹ Aluno do mestrado em Linguística – IEL Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP – SP, inscrito no grupo FESTA (Fórmula e Estereótipo: Teoria e Análise) coordenado pelo Prof. Sírio Possenti.

1. Introdução

Este texto apresenta uma pesquisa em fase inicial de desenvolvimento. O objetivo do projeto é analisar as ocorrências (usos) da expressão “educação a distância” – e suas variantes – no universo discursivo brasileiro contemporâneo, num recorte temporal de 2000 até 2010. Para tanto, utilizamos a noção de fórmula conforme proposta por Alice Krieg-Planque (2003, 2006, 2010, 2011), cujos trabalhos se inserem na análise de discurso francesa. O corpus, organizado a partir da pesquisa dos percursos da citada fórmula, é constituído por textos de diferentes gêneros: artigos científicos na área de educação, mídia impressa (Jornal *Folha de São Paulo*, Revista *Época* etc.), mídia online (portais *UOL* e *Terra*, além de sites e blogs), mídia televisionada (*Jornal Nacional* da TV Globo, programa *Roda Viva* da TV Cultura) e também documentos oficiais do MEC – Ministério da Educação. As principais perguntas – que permitem uma primeira abordagem do *corpus* – são: Como se dá o funcionamento do termo “educação a distância” no recorte espacial e temporal já mencionado? Podemos atribuir a esse termo o estatuto de fórmula discursiva? Para responder a esta última pergunta, é preciso verificar a ocorrência das quatro características constitutivas da fórmula, a saber, funcionar como um referente social, inscrever-se numa dimensão discursiva, ter um caráter cristalizado e ser objeto de polêmica. Sintetizando o conceito, diríamos, junto com Krieg-Planque, que fórmula é uma palavra (ou expressão, ou *slogan*, ou pequena frase) portadora de questões histórico-sociais, frequentemente enunciada, retomada – e recusada. Nesse ponto, evidencia-se como o trabalho com a noção de fórmula implica um dispositivo metodológico, além do teórico.

2. “Educação a distância” como referente social

Dizer que a fórmula é um referente social é dizer que ela significa alguma coisa (mas não a mesma coisa, por isso é alvo de polêmica) para todos num determinado momento. Isso também significa que ela circula, que as pessoas falam dela, que seu lugar de surgimento se diversifica, que se torna um objeto partilhado do debate (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 54). Pode-se atestar o caráter notório do termo “educação a distância” (mais conhecida pela abreviação “EaD”) no grande número de anúncios sobre cursos nessa modalidade, veiculados em revistas, cartazes, *outdoors*, panfletos,

TV, radio etc. que não se observava há alguns anos, embora esse tipo de ensino não seja novidade.

O crescimento expressivo de cursos a distância (e de instituições que os oferecem) faz com que as ocorrências da fórmula se multipliquem. O “Jornal Nacional”, programa jornalístico de maior audiência no Brasil, realizou uma série de reportagens sobre “educação a distância” entre os dias 27 de abril e 01 de maio de 2009. Segundo o primeiro programa,

A educação a distância no Brasil já tem mais de dois milhões e meio de alunos. (...) É na região norte do país que os cursos a distância mais avançam. As matrículas cresceram 940 % em três anos [de 2005-2008]. (...) No país inteiro, a oferta de cursos superiores na educação a distância cresceu 571% passando de 52 cursos em 2005 para 349 em 2008.²

De acordo com Krieg-Planque (2010, p. 53) uma manifestação importante do caráter de referente social da fórmula, aliada à circulação, são as reformulações parafrásticas. No *corpus*, encontramos paráfrases de “educação a distância” em “diploma sem sair de casa”, “diploma pela internet”, “educação mediada pelas novas tecnologias”, “educação virtual interativa”, “educação online”, “aprendizagem a distância” e ainda outras reformulações “conflitantes” do tipo “diploma de segunda categoria”, “ensino de segunda classe”, “supletivo de smoking”, “embromação a distância” etc.

Outra marca de remissão ao mundo que a fórmula apresenta é a estrutura X dois pontos Y (“X:Y”) muito comum nas manchetes de jornal. Essa estrutura é reveladora do que o jornal ou revista dá a ler como presumidamente conhecido:

A parte da esquerda (“X”) desse tipo de manchete, conforme escreve Moillaud, é um “enunciado referencial”: ela é seu pressuposto, remete a um mundo supostamente conhecido pelo leitor. (...) A parte da direita (“Y”) constitui o “enunciado informacional” da manchete: ela é o posto do enunciado, o novo, o presumidamente desconhecido. As reiterações de uma mesma sequência na parte fixa da manchete contribuem para estabelecer uma ordem do dia nos temas da vida pública. Manchetes como “Periferia: a febre do sábado à tarde”, “Periferia: a prevenção pelo esporte”, “Periferia: a política do talão de cheque”, “Periferia: amanhã uma Los Angeles?” e “Periferia: a constatação do fracasso” são, assim, o índice de que “Periferia” funciona como referente social num dado momento no espaço público francês (KRIEG-PLANQUE, 2010, pp. 98,99).

² Jornal Nacional, edição exibida em 27 de abril de 2009.

Exemplos desse tipo são “Educação a distância: a tecnologia da esperança”, “Educação a distância: o estado da arte”, “Educação a distância: algumas considerações”, “Educação a distância: vale a pena?”, “EaD: falência moral do ensino”. Construções como esta última são exemplares, também, de que a constituição da fórmula como referente social e como objeto polêmico são indissociáveis, o que nos leva a sua segunda característica importante.

3. A dimensão polêmica

No intuito de melhor definir essa característica da fórmula, Krieg-Planque busca embasamento em outros autores:

P. Fiala e M. Ebel sustentam uma concepção contextual do sentido, e insistem nisso: se há de fato um significante comum em circulação (a coroa da “moeda”, para retomar a metáfora de Courtine), o significado (no caso, a cara) está em perpétua redefinição, em razão mesmo de sua circulação. Nem todos inscrevem a mesma coisa no lado cara da fórmula, e é exatamente por essa razão que esta é questão central nos debates (KRIEG-PLANQUE, 2006, p. 56).

Os diferentes sentidos construídos a partir da mesma fórmula são exemplos da dificuldade que encontram aqueles que tentam definir “educação a distância”. Nem mesmo na abreviação “EaD” há consenso: em alguns textos a primeira letra é lida como “educação” e em outros como “ensino”. Alguns excertos:

Novidade incerta? Mais um conto do vigário? Ilustres filósofos e distinguidos educadores torcem o nariz para o ensino a distância (EAD).³
A educação a distância (EAD) vem crescendo de maneira explosiva. Consequentemente, crescem também o número de instituições que oferecem algum tipo de curso a distancia, empresas fornecedoras de treinamentos não presenciais e artigos e publicações sobre EAD.⁴

Às vezes, as discussões não se dirigem especificamente ao uso do termo (valor *de dicto*), mas sim ao referente (valor *de re*):

Os cursos de graduação a distância, aqueles que o aluno faz sem praticamente ir à universidade, estão no centro de uma polêmica. Enquanto proliferam no Brasil, eles

³ CASTRO, Claudio de Moura. *Embromação a distância*. Revista Veja, edição 2108, 15 de abril de 2009.

⁴ MATTAR, J. A. e MAIA, Carmem. *ABC da EAD: A Educação a Distância de Hoje*. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

suscitam críticas variadas. Na última paralisação da USP, em junho, essa modalidade de ensino, que já se decidiu implantar ali, foi demonizada pelos grevistas. Eles diziam se tratar de uma graduação de “segunda categoria” que acabaria por manchar a reputação da universidade. (...) Na década de 80, ela chegou a ser referida em rodas de PhDs pelo pejorativo apelido de “supletivo de smoking”⁵.

Com a proliferação de estruturas que veiculam notícias (...) todo mundo pensa que sabe alguma coisa só porque acessou um link no Google. Isso vale, também, para os que pensam que estão na vanguarda da liderança, pois fizeram um cursinho rápido, tipo enrolação a distância. Naturalmente, há casos e casos, mas não creio que a modalidade seja a panacéia apregoada, mesmo porque não funciona em casos onde se necessita de maior profundidade de reflexão e acompanhamento didático-pedagógico⁶.

É intensa a discussão acerca das vantagens e desvantagens da EAD (educação a distância). A verdade é que, mesmo apresentando algumas ressalvas, os educadores destacam mais benefícios do que problemas na modalidade⁷.

A educação a distância não é um “fast-food” em que o aluno se serve de algo pronto. É uma prática que permite um equilíbrio entre as necessidades e habilidades individuais e as do grupo – de forma presencial e virtual. (...) As possibilidades educacionais que se abrem são fantásticas⁸.

Ademais, a polêmica só começa de fato a se explicitar quando envolve, de alguma forma, o valor *de dicto* (embora nunca de maneira suficiente), que está diretamente relacionado ao emprego da fórmula. Alguns exemplos:

Romero Tori, da Escola Politécnica da USP, disse bem no início de sua apresentação [no 15º CIAED - Congresso Internacional ABED de Educação a Distância]: “O nosso querido presidente da ABED, Frederic Litto, que me desculpe, mas discordo desse termo ‘educação a distância’. Para mim, ele destaca o que há de pior na modalidade, e não o que há de melhor, que são justamente as diferentes e ricas formas de interação”, provocou. A proposta do polêmico educador, que incentivou a participação da plateia durante a sua apresentação, foi exatamente oposta: que a modalidade fosse chamada de ‘educação sem distância’⁹.

Acredito que em breve o termo “Educação a Distância” possa deixar de existir. Não se fala ao telefone “a distância”, mas simplesmente fala-se ao telefone. Não se envia um email “a distância”, simplesmente envia-se um email ou um arquivo. Da mesma forma, não se ensina ou aprende “a distância”, simplesmente ensina-se ou aprende-se com as tecnologias disponíveis. (...) Acredito que o “ensino semipresencial” seria

⁵ WEINBERG, M. e BORGES, M. *Diploma sem sair de casa*. Revista Veja, edição 2127, 26 de agosto de 2009.

⁶ LICO, Luís Sérgio. *Enrolação a distância*. Disponível em www.rhcentral.com.br/artigos acesso em 11/11/10.

⁷ MARQUES, Camila. *Ensino tem mais vantagens que desvantagens, dizem especialistas*. Folha de São Paulo 28 de Setembro de 2004, versão online, acesso em 12/09/10.

⁸ MORAN, José Manoel. *O que é educação a distância*. Publicado inicialmente em *Novos caminhos do ensino a distância*, no Informe CEAD - Centro de Educação a Distância. SENAI, Rio de Janeiro, ano 1, n.5, dezembro de 1994, disponível em www.eca.usp.br/prof/moran/textosead.htm, acessado em 22/10/2010.

⁹ *Educadores criticam o termo ‘Educação a Distância’*. Folha de São Paulo, 05 de outubro de 2010. Disponível na versão online, acessada em 20/10/10.

um termo mais adequado, ou “educação apoiada pelas novas tecnologias”, ou simplesmente “educação”¹⁰.

Devo confessar: sou um aluno à moda antiga. E certos “modernismos” não me caem bem como aluno, desde aulões de vídeo a trabalhos em grupo pela internet, via mensageiro. Mas o que mais me incomoda e me deixa frustrado chama-se EAD, o tão famigerado “ensino à distância”. (...) O EAD nada mais é que uma forma repugnante e barata de diminuir os custos de um aluno no dia a dia de uma universidade em prol da “comodidade de se aprender em casa”¹¹.

Todas essas discussões são exemplares das questões de natureza extremamente variada que a fórmula carrega, assim como são variadas as maneiras de os locutores as responderem, de tomarem parte no debate. (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 101). É por isso que a autora diz que as categorias de *re/ de dicto*, versões medievais da transparência e da opacidade, têm o inconveniente de ser muito rudimentares do ponto de vista da análise do discurso. Essa distinção fica longe de esgotar a relação do enunciador com as palavras que ele utiliza. Muitas vezes, tanto o termo quanto a “coisa” a que se refere tornam-se indistinguíveis, pois até mesmo a noção do que seria presencial ou a distância se (con)funde.

Na prática, a tecnologia nova se soma à velha, não a substitui. (...) Em boa parte de nossas faculdades, estudar é apenas passar vinte horas por semana ouvindo o professor ou cochilando. Mas isso não é possível no EAD. (...) A educação presencial bolorenta está sendo ameaçada pelas múltiplas combinações do presencial com tecnologia a distância¹².

Num futuro provável não haverá muito sentido em se rotular um curso como sendo “a distância” ou não. Nem mesmo uma simples atividade educacional (uma aula, por exemplo) poderá ser binariamente qualificada como uma entre apenas duas opções¹³.

Assim, ser a fórmula objeto de polêmica não significa haver um lado “certo” ou “errado” no debate, mas atesta a entrada dessa palavra na condição de fórmula. Ela *precisa* ser discutida, retomada, recusada, pois só assim ela circula pelos diferentes âmbitos sociais, caracterizando seu terceiro traço constitutivo: a dimensão discursiva.

¹⁰ HAGUENAUER, Cristina. *Metodologias e estratégias na educação a distância*. Versão online disponível em www.latec.ufrj.br/educaonline/index.php/artigos-tecnicos/64- . acesso em 23/11/10.

¹¹ NASCIMENTO, Douglas. *EAD: Falência moral do ensino?* Disponível em www.douglasnascimento.com Acesso em 20/09/10

¹² Idem 2.

¹³ TORI, Romero. *Métricas para uma Educação sem Distância*. Revista Brasileira de Informática na Educação. Sociedade Brasileira de Computação. V. 10 n. 2. pp. 9-19, Setembro de 2002.

4. A dimensão discursiva

Embora o suporte da fórmula seja um enunciado linguisticamente descritível, ela não é uma noção linguística, mas sim discursiva. Krieg-Planque é incisiva ao dizer que *a fórmula não existe sem os usos que a tornam fórmula* (2010, p. 81). Isso está diretamente relacionado a sua circulação no corpo social, pois ela circula com o apoio de certos usos, as vezes conflituosos, com o apoio de acontecimentos e até mesmo com outros discursos que motivam sua utilização e que assim dão razões aos locutores para recorrerem a ela de uma maneira ou de outra. Essa circulação, por sua vez, *não resulta de uma mecânica do linguístico, mas de práticas languageiras e de relações de poder e de opinião que se observam na discursividade* (op. cit. p. 43). Percebem-se *relações de poder e de opinião* no esforço dos partidários da “educação a distância” em evitar comparações (na maioria das vezes pejorativas) entre esta e os antigos métodos de ensino por correspondência (como o IUB – Instituto Universal Brasileiro e o Instituto Monitor, nas décadas de 70 e 80), além de mostrarem que ela é nova, ímpar, especialmente quando aparece no discurso de renomados estudiosos como o filósofo francês Pierre Levy ou no discurso institucional do MEC:

A educação a distância é um setor da educação particularmente interessante, pois é nele que é experimentado o maior número de novidades e técnicas pedagógicas. (...) A educação a distância é algo totalmente novo, muito favorável à evolução do conceito de escola em direção a uma adaptação à nova relação que está sendo instaurada com o saber¹⁴.

Segundo Carlos Eduardo Bielschowsky, secretário de ensino a distância do MEC (Ministério da Educação), enquanto as instituições se desenvolvem para a oferta de cursos a distância, o governo aperfeiçoa seus processos de regulamentação, supervisão e avaliação. (...) Até 2007, não havia critérios de qualidade próprios, pré-definidos para nortear a atuação das instituições de Ensino Superior. O MEC, no entanto, lançou em dezembro de 2007 a portaria nº 40, que estabelece regras tanto para novas instituições quanto para aquelas já existentes.¹⁵

¹⁴ LEVY, Pierre. Entrevista concedida ao programa Roda Viva da TV Cultura em 08 de Janeiro de 2001. Vídeo disponível no site www.youtube.com acesso em 14/08/10.

¹⁵ BARONI, L. L. **Conheça os padrões mínimos de qualidade dos cursos EAD**. Disponível em www.iea.org.br - postado em 06 de maio de 2010. Acesso em 14/08/10.

Para Krieg-Planque, a fórmula aparece nos discursos, principalmente midiáticos, *por meio de uma publicização que é assegurada, em boa medida, pela imprensa, pelo rádio e pela televisão generalista* (op. cit. p. 116). Isso nos ajuda a entender, em primeiro lugar, que para ter esse estatuto, a fórmula não pode circular apenas em campos específicos (por exemplo, o “lugar” de sua gênese), mas numa área muito mais ampla, o universo discursivo, definido por Maingueneau como *o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura* (2008, p. 33).

A publicização (que faz parte da “travessia” da fórmula por essa dimensão discursiva mais ampla) também nos ajuda a entender, em segundo lugar, que os discursos não estão fechados em si mesmos e que são, muitas vezes, *instrumento e lugar (e não somente origem ou consequência) das divisões e dos agrupamentos que fundam o espaço público* (2009, p. 10).

É o caráter discursivo, enfim, que põe a fórmula no cerne dos problemas sociais de sua época, tornando-a portadora de questões históricas.

5. O caráter cristalizado

Deve ser possível seguir uma fórmula pelos rastros de sua forma, afirma Krieg-Planque (2010, p. 61) ao especificar mais esse traço constitutivo de seu objeto de estudo. Ter um caráter cristalizado significa que a fórmula é sustentada por uma forma significante relativamente estável. Essa estabilidade torna possível que a fórmula esteja entre os *fenômenos de retomada e de circulação discursivas*, afinal, como nos diz Possenti (2009, p. 192), *se a cada enunciação algum efeito de sentido pode ser novo e irrepitível, por outro lado, a “grande massa” dos efeitos de sentido é efetivamente uma retomada de sentidos prévios e com eles coincide*.

Todavia, Krieg-Planque faz uma ressalva contra a atitude de formalismo absoluto referente à cristalização, pois uma sequência identificada como fórmula pode ter variantes. No caso de sequências superiores à unidade lexical simples, essas variantes podem corresponder a operações de comutação que levam a sintagmas novos. A autora cita “purificação étnica”, “limpeza étnica” e “depuração étnica como variantes de uma mesma fórmula (2010, p. 69). Exemplos de uma cristalização apenas relativa foram encontrados em diversos textos. Citamos um que contém várias ocorrências:

A dificuldade em se apresentar um conceito para EaD está associada, muitas vezes, à existência de várias definições que se contradizem. Existem ainda termos alternativos como “Ensino a Distância”, “Aprendizagem a Distância”, “Aprendizagem Distribuída”, “Educação Virtual Interativa”, “Educação Mediada por Tecnologia”, “Teleaprendizagem”, entre outros.¹⁶

Mantendo uma abordagem que não seja puramente formalista localiza-se formulações concorrentes da fórmula, ou seja, *sequências que podem ser estranhas à fórmula de um ponto de vista morfológico, mas que funcionam, em contexto, como alternativas (eventualmente como alternativas conflituosas)* (op. cit. p. 70). É o caso dos já citados “supletivo de smoking”, “embromação a distância”, “enrolação a distância” e “ensino de segunda classe”. As formulações concorrentes, entretanto, não são “sinônimos em língua”, de acordo com Krieg-Planque, mas sequências que funcionam de modo efetivo no discurso, como substitutos mais ou menos polêmicos e mais ou menos mutuamente exclusivos (idem).

Considerações finais

Falar em educação (a distância ou presencial) na contemporaneidade de nosso país é falar de um tema importante e controverso. Embora exiba hoje uma economia forte, especialmente se comparado com os ditos “países ricos”, e esteja entre as cinco nações mais promissoras para investimentos – conhecidas pela sigla BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) – o Brasil ainda amarga uma péssima colocação nas avaliações educacionais externas, tendo caído várias posições nos últimos rankings, conforme relatório da Unesco¹⁷.

Nesse contexto, digamos, paradoxal, a “educação a distância” parece surgir como uma esperança de superação, de melhora, especialmente para alunos que moram em regiões distantes e sem recursos financeiros para chegar aos grandes centros. Na análise do *corpus*, percebe-se que a grande maioria das ocorrências fórmula é cercada por conotações positivas.

¹⁶ CAMPOS, F. (et al) *Fundamentos da educação a distância*. Juiz de Fora: Editar, 2007.

¹⁷ *País perde doze posições em ranking da educação*. Folha de São Paulo 21/01/2010, caderno Educação, p. 04.

Um aspecto interessante, vislumbrado neste trabalho, é operacionalizar a noção de *acontecimento discursivo*, também ligado a história dos usos da fórmula. Isso poderia explicar a passagem (ou, pelo menos, a tentativa em passar) das conotações negativas que a pouca aceitação social quase fez inviabilizar a “educação a distância” nos anos 80 e 90, para a conotação positiva que o estudo não presencial parece desfrutar hoje em dia. Estudos assim também mostrariam a relevância da noção de fórmula para uma melhor compreensão dos caminhos sócio-histórico-discursivos por onde segue uma palavra, em seu movimento perpétuo de mobilizar, construir e silenciar sentidos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. SEED/ MEC. *Referenciais de qualidade para educação a distância*. Brasília, MEC, 2007.
- BRASIL, MEC. *Decreto n. 5622*, de 19 de dezembro de 2005. DOU, Brasília, n. 243, p 1-4, seção 1, 20 dez. 2005.
- CAMPOS, F. *Fundamentos da educação a distância, mídias e ambientes virtuais*. Juiz de Fora: Editar, 2007.
- COURTINE, J. J. *Análise do discurso político : o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos : EDUFSCar, 1981 [2009].
- KRIEG-PLANQUE, A. “*Purification ethnique*”. *Une formule et son histoire*. Paris: CNRS Editions, 2003.
- _____ *A palavra etnia: nomear o outro – origem e funcionamento do termo etnia no universo discursivo francês*. Número 22 da revista *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, 2006.
- _____ *A noção de fórmula em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- _____ “*Fórmulas*” e “*lugares discursivos*”: *propostas para a análise do discurso político*. IN. MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana (org) **Fórmulas Discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- POSSENTI, S. *Os limites do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

